

Stadium

Foto NUNES DE ALMEIDA



Peyroteo carrega impetuosamente, apesar do Sporting já ser campeão!

LEIA NESTE
NÚMERO

ARTIGOS DO MAIOR
INTERESSE E
ACTUALIDADE

de
RODRIGUES TELES
RAFAEL BARRADAS
DR. SALAZAR CARREIRA
PITA CASTEJEJO
JORGE MONTEIRO
ROGÉRIO PEREZ
TAVARES DA SILVA

REPORTAGEM GRÁ-
FICA DOS DESAFIOS
DE FUTEBOL

DE TODOS OS ACON-
TECIMENTOS DES-
PORTIVOS DO PAÍS

OS 6 CAMPEÕES
DE LISBOA

O desafio ACADÉMICA-
SALAMANCA

As habituais Páginas:
«No Mundo da Bola»
«Por esse Mundo Fora»
«Na capital do Norte»

N.º 288

12 DE NOVEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

SPORTING, coleccionador de títulos

Um apanhado das 6 forças

Os louros BELENENSES são — vitória em Reservas, Segundas e no conjunto das 3 categorias

Crónica de TAVARES DA SILVA

A pesar de já estar apurado o vencedor, a última jornada da Taça de Honra ou Campeonato de Lisboa — que tanto faz! — ainda interessou vivamente. Desta maneira acabou com brilhantismo uma competição que tem os seus dias contados, mas que ultrapassou mil e quinhentos contos de receita, estando a despesa muito limitada. Os números devem dar que pensar...

O interesse da última jornada resultou da possibilidade de se alterarem as classificações, a partir do 2.º posto que o Benfica já detinha também solidamente.

Afinal, na luta travada os Três Grandes conseguiram apoderar-se dos postos de honra, pois o Belenenses agarrou-se por um fio à 3.ª classificação por via da melhor contagem geral de golos (entre o Belenenses e o Estoril havia seis bolas seis-seis).

Os resultados foram os seguintes:

Estoril 3 — Sporting ... 3
 Atlético 2 — Belenenses . 3
 Oriental.... 0 — Benfica..... 3

A jornada parecia-se com a penúltima. Também desta vez, as 3 maiores forças lutavam contra os menos poderosos. Simplesmente, os combates travavam-se na casa dos mais fracos, verificando-se afinal que esse factor não era suficiente para lhes dar o triunfo. Mas os resultados, mais iguais e equilibrados, são muito diferentes daqueles que se verificaram na nona jornada.

O próprio Estoril não conseguiu vencer, deixando passar o Sporting apenas chamuscado. Resultado muito bom, se se tiver em linha de conta que na Amoreira todos caíram... O desafio comportou aspectos muito curiosos e de futebol de qualidade.

Na Tapadinha também se verificaram bons trechos, numa partida viva e animada em que ambas as forças se empenharam a fundo. Já em Marvila, a luta pendeu quase sempre para um lado, não havendo dúvidas quanto ao seu desfecho.

A classificação final exprime-se nos seguintes números:

Sporting 25 pontos, 7 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 44-17 em bolas; 2.º Benfica 22 p., 5 v., 2 e., 3 d., 28-16; 3.º Belenenses 20 p., 5 v. e 5 d., 16-16; 4.º Estoril 20 p., 4 v., 2 e. e 4 d., 33-36; 5.º Atlético 17 p.,

2 v., 3 e., 5 d., 20-29; 6.º Oriental 16 pontos, 2 vitórias, 2 empates e 6 derrotas, 11-38 em bolas.

Há a registar o reaparecimento de Fernando Peyroteo e Francisco Ferreira, duas reaparições que não são indiferentes ao team nacional em vésperas de apresentação, e ainda, essa, infelizmente, episódica, de Júlio, o excelente centro do Benfica.

O Sporting vence a prova com mérito absoluto, que dificilmente poderá ser atacado. Perdeu somente contra o Belenenses logo de início, e depois nunca mais soube o que era o travo amargo da derrota. Os leões fizeram magníficas exhibições, e sendo certo que várias vezes o seu jogo pecou por deficiências de articulação postas a claro pelas células defensivas, o seu poder atacante supriu todas essas falhas. Com Peyroteo ou sem Peyroteo, a linha de

ataque revelou poder de execução, rápidos, sentido tático e superior remate. Só isto chegou para todas as encomendas.

Julgamos que, na abundância de reservas à altura do grupo de honra se encontra a justificação, em parte, do belo triunfo leonino. Quando os outros grupos mostram grandes embaraços ao faltar-lhes uma pedra, os leões resolvem com relativa facilidade os seus problemas mesmo que lhes desapareça uma unidade base. Já se tem dito — quantas vezes! — que as provas em poule dificilmente serão ganhas por aquele grupo que dispuzer apenas de onze unidades. A lei da lesão é implacável.

O Benfica foi um magnífico 2.º Até meio da prova seguiu galhardamente no posto do comando, mas nessa altura várias lesões desmantelaram um pouco o con-

junto e as soluções de emergência não corresponderam. A lesão de Francisco Ferreira veio ainda agravar muito a situação e julgamos que ela exerceu grande influência em tudo quanto se passou.

Sendo a linha medular o ponto forte da equipa, a trave-mestra de toda a construção, e estando afectada, é evidente que os outros sectores se ressentiram. Deve dizer-se que o Benfica nos deu, no entanto, trechos de futebol vivo e dinâmico que, integrados na regular mecânica do jogo é, todavia, futebol à Benfica.

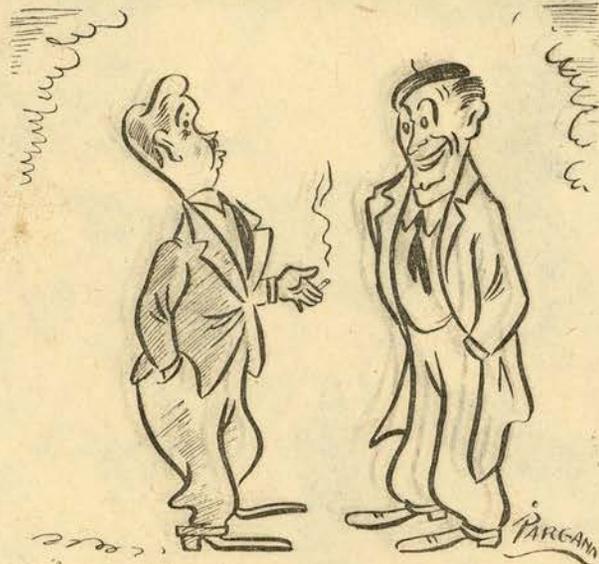
Colocou-se em 3.º lugar, no intenso esforço desenvolvido no fim do torneio, o Belenenses. O grupo andou em experiências durante muito tempo, e não conseguiu dar nesse período a medida do seu valor em toda a extensão. A defesa comportava-se sempre bem, mas o aiaque estragava tudo. O team chegou a andar desorientado, e a sua massa associativa desiludida. Por fim e ao cabo, com persistência, a melhor solução, pelo menos, de momento, parece ter sido encontrada, e o ataque adquiriu um pouco mais de eficiência, suficiente para dar vitórias. O futebol belenense é de bom desenho.

Surge-nos em 4.º lugar o Estoril Praia, que podemos considerar a revelação do campeonato. Eis uma equipa que sabe jogar, e poderíamos ficar por aqui; quase teríamos dito tudo. Embora tenha algumas figuras que ultimamente estão mais em destaque, o grupo nivela-se em valores. O segredo das suas actuações reside no seguinte: todos sabem a posição que devem ocupar, não são egoístas e procuram fazer obra de conjunto, jogando todos com o mesmo empenho e desejos de fazer figura. Valem como sintoma os dois empates contra o Sporting, devendo a gente recordar-se que os leões estabeleceram o empate já quando se ouvia o último apito.

O Atlético ocupa na tabela o 5.º lugar. Não lhe faltam individualidades. Nem coragem, nem empenho. Simplesmente, afiguram-se-nos que o grupo não consegue ter a devida afiniação, existindo qualquer coisa a empernar o conjunto. Parece-nos que o Atlético, havendo-se comportado com brilho em várias partidas não

(Continua na pág. 6)

A "graça" da semana



— Que me dizes à campanha da equipa de basquetebol do Benfica em França?!

— Acho admirável. Nem outra coisa seria de esperar... As águias sempre «comeram» os frangos!

8 JOGOS

oito vitórias!

... Eis o balanço da «tournée»
do Benfica a França

Chegou ontem a Lisboa a equipa de basquetebol do Sport Lisbon e Benfica, depois da sua brilhante «tournée» pelo sul da França. Os «encarnados» realizaram oito encontros e em todos eles ficaram em vencedores, por diferenças que atestam bem o valor do «cinco» e põem a considerável distância as equipas que o derrotaram.

Os resultados que publicámos no último número, há a jantar mais os seguintes: em Orthez, contra uma selecção, 40-22; em Nérac o conjunto da Lotet Gironne perde por 46-21; em Avi sur l'Adour, contra um misto de jogadores desta localidade, de Pau e de Adour, os «encarnados» triunfaram por 79-26; em Landes, os portugueses, também venceram por 61-31; em Oleron, nova vitória dos nossos compatriotas, desta vez por 55-16. Por último, em Pau, o Benfica derrotou a selecção Ploise, por 51-31.

Nos oito encontros disputados, os portugueses marcaram 435 bolas e sofreram, somente, 182.

Aguardemos pormenores da esplêndida «performance» conseguida pelos atletas do Benfica, mas digamos, desde já, que nunca uma representação nacional alcançou tão retumbantes vitórias, em terras estranhas.

Este facto valorisa a equipa do Benfica e, consequentemente, o basquetebol português.

Pelos imprecisos elementos que temos recebido, podemos assegurar que todos os jogadores que alinharam nestes encontros corresponderam às necessidades do «cinco», incluindo os sapentes, quando foram chamados ao terreno do jogo.

Como marcadores, distinguiram-se Montalvão e Homero; na defesa, Campos e Mornais, jogaram como nos seus melhores tempos, Trindade realizou uma partida extraordinária em Avi sur l'Adour, encantando o público, que o cognominou de «le petit diable».

Aguardemos, agora, notícias circunstanciadas da excelente actuação dos benfiquistas em França.

* * *

No Campo «Manuel Matos», do Atlético C. de Portugal, começa esta noite a disputar-se um torneio a que concorrem as equipas dos alcantarenses, do Sporting do Belenenses e do Carnide. O torneio prossegue no sábado.

M. P.

Aos nossos agentes

leitores, colaboradores e amigos

Stadium já se encontra instalada na sua nova Sede, na RUA DA ROSA, 252, 1.º, sendo para esta direcção que deve ser enviada toda a correspondência.

SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

A equipa do Operário F. C.

ganhou a «Taça»
sem derrotas

Ninguém que haja seguido o campeonato ou Taça da Segunda Divisão da A. F. L. regateia louvores ao Operário, que concluiu a prova sem derrotas. O popular clube da Greça, por empréstimo em Chelos, acabou mesmo o torneio com uma vitória, no campo do animoso Olivais, embora este se visse privado do seu guarda-redes, por acidente, ainda na primeira parte do desfilio.

Os resultados da última jornada:

Operário 3, Olivais 1; Casa Pia 3, Sacavenense 2; Arroios 2, Futebol Benfica 2.

No jogo do Campo de «Álvaro Gaspar», como em clima se deixa dito, os donos da casa viram-se desamparados pela sorte. Não conseguem os olivalenses efectuar um jogo com o seu grupo completo...

Mas o Operário também não chegou ao fim com 11 homens no terreno. Foi expulso um dos seus elementos (Henrique), por agressão.

Os donos da casa marcaram primeiro, aos 9 minutos, por intermédio de Abílio; Antero empatou aos 32 minutos. Foi este o resultado da primeira parte.

Na segunda parte Canal e Rogério fizeram os restantes pontos do Operário, que veio a ganhar justamente. Não se esqueça que o Olivais tinha nas redes um jogador pouco adaptável. Entretanto, o resultado merece realce, assim como o triunfo que a equipa conseguiu no actual torneio.

A formação casapiana, ganhando na Amadora, garantiu o terceiro lugar, que se ajusta ao seu comportamento na prova. O Sacavenense procurou melhor resultado e esteve de facto perto do empate. Quando perdia por 3-1, pôde reunir forças para fazer 2.º tento e destroçar por vezes a defesa casapiana.

Marcaram primeiro os vencidos: aos 7 minutos — remate de Tristão. Carmo, Dias e Malos,

dos casapianos de rejada e à custa de bom jogo ofensivo, marcaram antes do intervalo: 3-1. Só na segunda parte, aos 13 minutos, conseguiu Neves, do Sacavenense, redair a ditereença.

Foi bem disputado o desafio Arroios-Futebol Benfica, no campo do primeiro. O resultado aligeira-se-nos certo. Nenhum dos grupos marcou na segunda parte.

A equipa visitante conseguiu chegar a 2-0 — tentos de Dias, aos 15 e 21 minutos, marcaram aos 28 e 42 minutos.

Na segunda parte do encontro jogou algo mais o grupo da casa. A defesa do Futebol Benfica aplicou-se cuidadosamente e não se desfez o empate.

Vejam os alinhamentos as 6 equipas, pela ordem dos Jogos enunciadados:

No Campo «Álvaro Gaspar — Olivais: Paiva II; Correia e Tomás; Ferreira, Rogério e Galherme; Clemente, Agostinho, Abílio, Leonel e Paiva I. Operário: Dello; Diamantino e Galileo; Serellim, Rogério e Amorim; Abel, Henrique, Antero, Correia e Canal. Arbitragem de Carlos Silva.

No Campo «Ribeiro da Silva» — Arroios: Cardoso; Pereira e França; Silva, Xavier e Dario; Albino, Pinho, Grancho, Calais e Ferramenta. Futebol Benfica: Aníbal; Henrique e Diogo; Varela, Edmundo e Nogueira; Miranda, Carvalho, Concelo, Jorge e Dias. Arbitragem de Fernando Soares;

Na Amadora — Casa Pia A. C.: Romisio; Marques e Frazão; Medeiros, Jdlio e Pais; Carmo, Dias, Prates, Gorção e Carvalho. Sacavenense: Agostinho; Baptista e Neves; Costa, Gomes e Andrade; Alves, Lourenço, Pereira, Tancredo e Tristão. Arbitragem de Guido Rosa.

Ecos...

Continuam, pelos vistos, os cépticos à espera da lógica do futebol. Só assim se explica que houvesse na Costa do Sol plena confiança no resultado favorável ao Estoril, nas Salésias, frente aos «Belenenses»...

♦ ... é que — dizia-se por lá — não vai ser difícil a vitória, uma vez que o Atlético ganhou nas Salésias por 1-0, e perdeu na Amoreira por 4-6. E' caso para comentar: pode ser que a lógica seja um facto; mas também pode ser que não seja.

♦ Afirma-se na semana finda, nas «sterilias» habituais, que desta vez é que um dos grandes achou um ataque capaz.

Além do sossego que tal facto teria levado ao espírito dos apaniguados do clube, diz-se que o seu «preparador» teria passado a dormir sem insónias.

♦ O que pode o futebol... A massa associativa dum popular clube, vive desgostosa com a marcha da sua equipa de futebol na época presente, sem se dignar deter a atenção sobre os resultados honrosos pela mesma agremiação conseguidos noutros desportos; ciclismo, ténis de mesa, basquetebol, óquei palinado, etc., etc.

♦ Em contra-partida, noutro clube não menos popular, os associados recebem as notícias de «desaire» noutras competições com um encolher de ombros e esta frase significativa: «pois sim, mas no futebol somos os melhores, a grande distância».

♦ Lemos a sugestão de que o Benfica e o Porto, se dessem as mãos, terminando com um «estado de coisas» incompatível com a missão que a cada um deles — indiscutivelmente grandes baluartes do desporto — incumbem na organização. Folgamos que ela seja aceita, e que as respectivas Assembleias Gerais, quando a oportunidade se lhes depare, contribuam para que das lutas entre os dois, no campo desportivo, saia fortalecida a «idéia do desporto como escola de caracteres».

♦ Aguarda-se com vivo interesse, no sector afecto ao basquetebol, a conclusão do magnífico campo que o Sporting construiu na sua Sede, a ver se assim se dá principio ao Campeonato Regional, prejudicado com o desaparecimento do campo de jogos do Lisgás.

♦ O elevado número de equipas inscritas no VI Campeonato Corporativo de futebol desperlou desusado entusiasmo nos meios Corporativos, prevendo-se por isso que à volta de cada jornada se note interesse fora do vulgar.

CANINHAS

Conta-nos a sua história

ERA uma vez...

São muito raros aqueles de nós que não se sentem subjugados pela magia destas três palavras. Seja qual for a idade, o homem é eternamente uma criança grande e como tal, não pode deixar de sentir prazer ao fitar as letras que compõem os vocábulos indicativos de uma história, de um conto magnífico, que nos deleita, e nos causa aprazimento.

Não vos vou contar uma história de fadas... vou apresentar-vos a história vivida de um jogador de futebol.

Era uma vez... um rapazinho azougado e bulhoso que vivia numa aldeia chamada Atalaia, muito perto de uma vila conhecida pelo nome de Montijo. Amadado pela família, foi crescendo, crescendo, até que por volta dos 14 anos, se começou a revelar um habilidoso na forma como pontapeava uma bola de trapos, distinguindo-se entre a miudagem sua companheira de folgedos.

Apesar das reprimendas dos pais, o miúdo sempre que apanhava a jeito um catechú, não só afrontava a ira paterna, como sentia uma satisfação enorme em brincar com uma bola a valer, com uma bola igual aquela com que jogavam nos campos de futebol, como ele via, quando aos domingos dava uma «fugida» à vila.

Dois anos decorreram sem que afrouxasse a sua tendência pela bola, sem que desaparecessem as suas revelações intuitivas para esta modalidade desportiva, que, cada vez se apresentavam mais positivas e pujantes à ponto de

um grupo de amigos lhe ter proporcionado a realização do seu sonho de há alguns anos... ingressar num clube... onde pudesse jogar equipado como os outros, onde lhe fosse possível ter à disposição bolas verdadeiras que pudesse dominar à sua vontade...

Aos 16 anos, envergava orgulhosamente a equipa dos «Onze Unidos» e fazia o seu primeiro jogo, a sério, nas reservas.

Foi memorável esse desafio! O rapazinho desconhecido, chamou a atenção do público, pela sua desenvolta actuação e de ignorado que era, começou a ser acaatinhado e o seu nome a tornar-se familiar.

Avelino Rodrigues Caninhas, porém, entrara com o pé direito, como se diz-se.

Após alguns jogos em que se revelou um «valor», fixou-se em definitivo na primeira categoria, aí se conservando durante nove anos, no lugar de ponta esquerda, alinhando episódicamente a interior do mesmo lado e a avançado centro. No seu posto habitual foi duas vezes seleccionado pela A. F. S. contra o Algarve.

Disputou muitos encontros; teve tardes de glória e também de tristeza. Saboreou o prazer da vitória e recalçou, com amargura, o pezar da derrota. Ouvia o público gritar com entusiasmo o seu nome: *Caninhas! Caninhas!* quando se esgueirava por entre a defesa e punha em perigo a baliza adversária. Presentiu o desgosto dos espectadores, nos jogos em que, apesar dos seus esforços, não conseguiu dar perfeição ao que o cérebro concebia.

Perdeu tentos em que o mais difícil já tinha sido felto e marcou outros atirando das mais diversas posições. Os primeiros foram recebidos pela assistência com exclamações de desgosto, os últimos premiados com ruidosos aplausos.

Porém, na sucessão vertiginosa dos prêmios disputados, dois deles, ficaram imperecivelmente ligados à sua vida do jogador. Um, como pedra fosforescente que se avista na escuridão e outro como uma mancha indelevel que jamais desaparecerá.

Vila Franca de Xira, a Sevilha portuguesa, garrida e hospitaleira, não tem só o culto das toiradas, também «vive» o futebol. No dia marcado para a pugna «Onze Unidos»-«C. U. F.», de Lisboa, acorreram os seus habitantes, reforçados com os adeptos de ambos os contendores, ao terreno onde se ia decidir a qual caberia a honra de representar a zona C no Campeonato Nacional da II Divisão. Não deram por mal empregado o tempo, todos os que se deslocaram, porque a peleja foi rija, mas leal e emocionante. Venceram os montijenses e o triunfo foi daqueles que não esquece... antes perdura pela vida fora pela transcendência do seu significado.

Montijo, vila laboriosa e industrial com firme posição na vida económica do país, é um centro de «apassionados» da bola e tem como seu lídimo representante «Os Onze Unidos».

No domingo em que o «Lusitano de Vila Real de Santo António» ali se deslocou, para fazer o jogo contra o clube da terra, já na «poule» final do Nacional da II Divisão, havia confiança e fé no resultado, que só poderia sorrir

aos da casa. Terminados os 90 minutos, os visitantes tinham averbado, no seu activo, mais uma vitória e os visitados cabisbaixos regressavam à cabina vergados ao peso da derrota. De entre eles, *Caninhas*, era o mais sucumbido. Não se lhe arredava do espírito que tivera nos pés o terceiro tento, quando estavam a ganhar por dois a zero e que sózinho, em frente do guardaredes, com a preocupação de desviar a bola do seu alcance, a pontapeara para fora, a razar a base do poste.

As lágrimas correram-lhe pela face suada...

Nada de desânimo, rapaz, disseram-lhe. Não foi desta, será na próxima...

Passados dias sobre o encontro com o Sporting de Braga, em que este saindo vitorioso, conquistou praticamente o título de Campeão Nacional da II Divisão, tendo-se salientado Daniel, o grande artífice do triunfo minhoto, — *Caninhas* foi tentado para mudar de camisola, inscrevendo-se por um clube lisboeta.

Ansioso por pertencer a um clube de maior projecção, assinou ficha pelo Atlético Clube de Portugal, tendo-se estreado na turma principal, na festa de despedida de Martins, o conhecido «internacional» do Benfica, derrotando o Oriental.

O seu primeiro amor clubista não feneceu e tem um lugar privilegiado no seu coração, que bate tristemente por verificar que a sua atitude foi mal compreendida pelos montijenses, que quase o votaram, Injustamente, ao ostracismo, não querendo compreender que é legítima a aspiração humana de marchar, ascensionalmente, na vida.

Leal e amigo do seu amigo, encontrou na nova agremiação, ambiente muito semelhante àquele a que estava acostumado, sentindo-se satisfeito. Depois de ter recebido ensinamentos de Eduardo Augusto, Henrique Rosa, Gaspar Pinto e Alfredo Valadas, este com citação especial, sem desdouro para os outros, encontrou no dr. Abrantes Mendes um amigo sincero e dedicado que pacientemente lhe vem corrigindo alguns defeitos de que estava cívado e a cuja correcção se mostrava avesso.

Como homem e desportista não podia deixar de se sentir influenciado pelo valor de alguns companheiros, sendo os seus preferidos, na admiração que lhes consagra, Peyroteo, Francisco Ferreira, Baptista, Vasques, Azevedo e Barrigana, este seu antigo companheiro de equipa.

Trabalha no sentido de melhorar a sua forma, consciente das responsabilidades que tem, como titular, na equipa de honra do clube de Alcântara.

Na defesa da camisola que lhe cobre o tronco, entrega-se à luta de alma e coração, ganhando ou perdendo o lance com a mesma serenidade, não se importando com a classe ou nome do adversário. Prefere, contudo, jogar fora do campo do seu clube.

Confia em que a sua equipa se classifique bem no Campeonato que em breve começará. Ele e os companheiros, vão dar tudo por tudo. A história tem que ficar por aqui.

Quando as botas forem aturadas para sempre e *Caninhas* trocar a posição de jogador pela de espectador, poderemos, então, recomendá-la desta forma: Era uma vez...



Avelino Rodrigues Caninhas



A arte de conduzir a bola



Foi assim que começou a ser contada a história

Passando na Tapadinha
 & BELENENSES ficou em 3º



Feliciano, Vasco e Amaro fecham num triângulo de segurança o seu guarda-redes, o qual não pode ser atacado por nenhum lado...



Sério defende-se com valentia de um ataque renhido e enérgico

Fotos JORGE GARCIA



Ernesto empregou-se a fundo, na altura em que os belenenses atacavam com ímpeto!

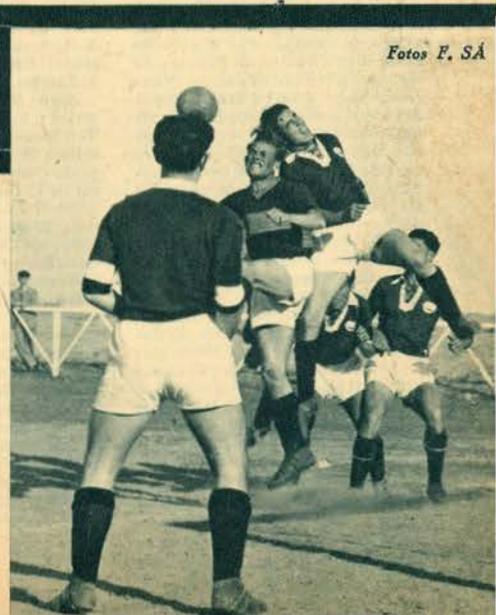


Um avançado belenense salta por cima dos adversários. Sem êxito...

Fotos F. SÁ



OPERÁRIO-OLIVAIS — Duas curiosas defesas do encontro que deu mais uma vitória ao Operário, o titular da Segunda Divisão



OQUEI EM PATINS

VITORIA DO SUL

no quarto encontro com a equipa do Norte

Foi fértil em acontecimentos, na modalidade óquistica, a semana finda. Assim, disputaram-se as últimas partidas do torneio de juniores do Campo de Ourique—com triunfo justificado do organizador—e houve ainda, para culminar, o festival do Pavilhão dos Desportos que emoldurou o IV Norte-Sul. Só isto bastaria—mas também se registou uma interessante homenagem da Associação sudista aos seus três seleccionadores e a outros tantos trabalhadores de Imprensa. Além do mais...

A festa que se efectuou no sábado, no magnífico recinto do Parque de Eduardo VII, teve como partida de fundo o jogo norte-sul. Que a equipa do Sul (Lisboa, Amadora e Sintra) ganhou justamente por 4-2. E, claro, vingando de certa maneira a derrota sofrida há meses no Porto. Arquívem-se nomes (pois o espaço é precioso...) que ficam para a história destas relações. Arbitrou o acadêmico Veloso, irmão do jogador portuense, tendo alinhado e marcado: pelo sul—Cipriano, Raio (à 2.ª parte: Lopes), Sidónio, Olivério (4) e Velez; pelo norte—Costa, Brito, Soares, Figueiredo (1) depois Fernandes e Ribêiro (1). Antes, a fazer programas, exibiram-se em patins artistas Fausto Lima, Maria Helena, Maria Antónia e Tila Pedrosa, disputando-se mais dois desafios: juniores do Benfica-Mito, 1-0; 2.ª divisão-selecção B, 2-1. Estiveram, portanto, em actividade alguns dos nossos melhores praticantes.

O torneio do Campo de Ourique devia ter acabado no domingo; mas como um jogo (Paço de Arcos-Académica) ficou empatado, por 1-1, só no outro desafio (C. Ourique, 6—Ateneu, 0) a Taça «Cor. Sacramento Monteiro» foi atribuída. A repetição do primeiro encontro far-se-á depois de amanhã—nele se disputando o troféu «Diário Popular».

E em complemento da festa no Palácio dos Desportos—a de maior interesse desportivo que ali se efectuou depois do Campeonato do Mundo—a Associação de Patinagem do Sul reuniu, num almoço de confraternização, no dia seguinte, seleccionados e seleccionadores, árbitros e outras individualidades afectas ao meio. Foram então galardoados, com emblemas de ouro daquele organismo, o nosso companheiro de trabalho Jorge Monteiro, os críticos da especialidade Rodolfo Serpa e José Ilhæro, e os seleccionadores José Carlos, Américo Rombert e Raúl Cartaxo. Lembrança simpática—que a todos deve ter desvanecido. Lopes Gonçalves, presidente da A. P. Norte, aproveitou o ensejo para entregar também medalhas aos jogadores do sul que disputaram o encontro do Porto. Houve alegria. Registou-se entusiasmo e espírito de confraternização. E fizeram-se belas manifestações de fé nos destinos futuros da modalidade, sendo particularmente saudados os discursos dos srs. José Castilho, presidente da A. P. Sul, cap. Santos Romão, presidente da F. P. Patinagem, dr. Ayala Boto, inspector da D. G. D.

A «Taça de Honra» de Lisboa

(Continuação da pág. 2)

aprendem ainda um plano definido de jogo, e os seus elementos não estudam devidamente o futebol. Ao vê-los em acção, descobrem-se muitos exemplos do que afirmamos, na dúvida dos lances a realizar e na prática de golpes contra-indicados. O Atlético poderá melhorar sensivelmente.

Dada a forma como o Oriental se bateu (os 16 pontos com 2 vitórias e 2 empates são expressivos) não é desairoso o último posto. Faltam valores no *team* ou, pelo menos, orientadores tanto no jogo de ataque como no de defesa, e assim o grupo agarra-se à energia e entusiasmo como suas armas mais eficazes. E' evidente que, se o Oriental quer decididamente subir, lhe compete valorizar as suas unidades e adquirir mais ciência de futebol.

Procuramos caracterizar, a traços largos, as seis forças em luta segundo o seu comportamento na chamada Taça de Honra de Lisboa.

Tanto em Reservas como em Segundas, o triunfo coube ao Belenenses. O êxito diz-nos que há matéria prima dentro do clube, e que em Belem o problema está a ser visto em profundidade. Também o Belenenses foi o melhor no

conjunto das 3 categorias, com 68 pontos, seguido de Sporting e Benfica (64), Atlético (54), Oriental (53) e Estoril 50.

Damos a seguir para efeitos de registo e de consulta futura a indicação dos grupos e árbitros que actuaram na última jornada.

Estoril — Laranjeira, Pereira, Elói, Oliveira Vieira, Fragateiro, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Marques, Mateus, Barrosa, Veríssimo, A. Ferreira, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Arbitro — Francisco Garcia.

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, Armando, Armando Carneiro, Morais, Martinho, Gregório, Vital, Guedes e Caninhas.

Belenenses — Serio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Arbitro — António Rodrigues dos Santos.

Oriental — Reis, Cruz, Morais, Isidoro, Vicente, Carlos Costa, Augusto, Eleutério, França, Abrantes e Reu.

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Julio, Corona e Vítor Baptista.

Arbitro — Dinis Magalhães.

FUTEBOL

Campeonatos da F. N. A. T.

Em Lisboa inscreveram-se trinta e nove equipas

Na passada quinta-feira realizou-se na sede da F. N. A. T. a reunião dos delegados ao Campeonato Nacional Corporativo de Futebol para a zona de Lisboa promovido por aquela instituição. Por doença do respectivo director do Pelouro de Educação Física da Fnat, sr. Francisco Mega, o sr. capitão Campos Andrade, que presidiu, expôs mais uma vez os princípios que orientam aquele organismo em matéria de educação física, dando a conhecer as alterações introduzidas no Regulamento, especialmente no tocante a disciplina.

Na 1.ª categoria, os concorrentes dividiram-se por Sorteio em duas Séries com a seguinte constituição:

Série A — 1. Val do Rio; 2. Bairro Boa Vista; 3. Loica de Sacavém; 4. Progresso Mecânica; 5. Acumuladores Tudor; 6. Luzalite; 7. H. Vaultier.

Série B — 1. Indústria Hoteleira; 2. Locitay; 3. Nacional de Navegação; 4. Textil Sedeira; 5. Sindicato Carreg. Eléctricos; 6. António Pessoa; 7. Profissionais de Cinema.

A 2.ª categoria concorreram 25

concorrentes que, por sorteio, foram distribuídos por três séries da seguinte forma:

Série A — 1. Armazenistas de Vinhos; 2. Pasteur; 3. Profissionais de Comércio; 4. Philips; 5. Nacional de Navegação; 6. Nacional Ultramarino; 7. Vacuum; 8. Sântas.

Série B — 1. Aparelhagem Eléctrica; 2. Correios Telégrafos e Telefones; Rádio Marconi; 4. Luzalite; 5. Orey Antunes; 6. Empresa Geral de Transportes; 7. Barata e Coimbra; 8. Val do Rio.

Série C — 1. Levedura Nacional; 2. Bairro da Boa Vista; 3. Loica de Sacavém; 4. S. Amadeu Gaudêncio; 5. Cortiça; 6. Leacock; 7. Carrasqueira & Teixeira; 8. Indústria Hoteleira; 9. António Pessoa.

As inspecções continuam, e o Campeonato deve ter início em começos de Dezembro, disputando-se os desafios aos domingos, mas tendo-se em vista, tanto quanto possível, a facilidade de vários concorrentes jogarem ao sábado. Os campeonatos corporativos já criaram raízes, como o prova a elevada inscrição e o interesse que suscitam.

COMPANHIA COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular
de passageiros e carga
para a África Portuguesa
e Brasil

e de carga
para a América do Norte

Os argentinos na Espanha

Jogarão em Portugal?

Falharão as negociações para a deslocação à Europa da grande equipa argentina, o River Plate, a melhor do seu país.

A causa fundamental do malogro está ao que parece, no exemplo dado pelo S. Lourenço de Almagro, visto os técnicos atribuírem à sua deslocação ao Continente europeu a situação inferior em que o clube se encontra no quadro argentino.

Os dirigentes sãolourenços, na opinião geral, fizeram um óptimo negócio, mas os seus jogadores denotam excesso de futebol, cansaço e aborrecimento. Tanto assim que os referidos dirigentes já tornaram público que, no final da época, farão, sim, uma excursão, mas de veraneio.

Porque os adeptos não querem ver os seus clubes ricos, mas desejam que eles façam boa figura, isto é, que acumulem vitórias e campeonatos. Assim se justifica a manifestação que outro dia os adeptos do River Plate fizeram nas tribunas do seu campo, empunhando bandeiras e taboetas com os seguintes dizeres: «Gloria, sim. Dinheiro, não. Campeonato, sim. Espanha, não».

E malograram-se as negociações para a deslocação do River Plate. A opinião pública ainda é uma grande força. Consequência: virá o Clube de Estudantes de La Plata que, pelos vistos, quer menos glória e mais dinheiro, a qual acaba de fechar definitivamente o esplêndido negócio, tendo a partida já marcada, de avião, para o próximo dia 14, e devendo disputar sete encontros em Espanha, o primeiro deles no dia de Natal, um em Lisboa e dois na Itália.

Todas as notícias que dizem respeito a esta deslocação referem um desafio em Portugal, mas a verdade é que não há nada concluído sobre o assunto.

O que se passa é o seguinte: Apresentou-se na Federação Portuguesa um senhor, francês, que, dizendo-se representante do citado clube argentino, pretendia negociar um desafio. Pela Federação foi dito que só entraria em contacto oficial desde que essa pessoa apresentasse uma credencial em forma do referido clube, a qual, na verdade, foi apresentada dentro de dias.

Desta maneira, a Federação requereu imediatamente a devida autorização à Direcção Geral, depois do que participaria a proposta argentina aos clubes portugueses para ver se algum ou alguns estaria disposto a fechar o contrato, visto ser hábito os principais clubes de Lisboa se agruparem para o fim em vista.

A autorização ainda não foi concedida e o assunto está parado. A pouco mais de um mês de distância, ainda não se sabe se os Estudantes de La Plata jogarão em Portugal ainda que o assunto possa ficar resolvido de um dia para o outro.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

O problema da Selecção Nacional continua na ordem do dia. Só depois do desafio contra a França, ele perderá um pouco da sua actualidade... posto que continue cada vez, para nós, pelo menos, mais vivo e palpitante.

Ontem realizou-se um treino e amanhã haverá outro (os jogadores de fora perderam uma semana inteira, e ficaram em Lisboa sem a disciplina do estádio), e de aqui a oito dias serão dados os últimos retoques na confecção do Onze.

O bloco da defesa ainda não está construído. Talvez nem delineado. Para o lugar de defesa-direito permanece a dúvida entre Alfredo e Barrosa, já que Vasco (o belenense que, no seu clube, tem ao lado Feliciano e à frente Amaro) foi definitivamente deixado fora.

A balança pendê para Alfredo, e parece entender-se que não há mais soluções.

Uma delas! Se Serafim, no entanto, jogasse no lado direito, o que não seria a primeira vez, o bloco não perderia nada da sua estrutura, com: Azevedo — Serafim, Feliciano — Amaro, Moreira e Francisco Ferreira. Isto, evidentemente, desde que os seleccionadores não queiram tocar nos meios de ataque. Como presumimos.

Já no ataque, o único problema para os 3 seleccionadores não parece de grande importância. Tanto Araújo como Vasques jogam quase da mesma forma à esquerda e à direita, e Travassos não é ainda elementar para deitar fora. Portanto, deve ser fácil um arranjo que corresponda às necessidades do jogo que vai ser posto em prática contra «os homens, fortes, duros, combativos, e de marcação cerrada».

Mas não haverá mais nada a ver cuidadosamente na linha de frente? Saltando por cima do avançado-centro, todos estarão de acordo quanto ao lugar de extremo-esquerdo, por exemplo?

O «slogan» rápidos e fôlego para hora e meia não basta! É preciso fazer alguma coisa pelo fôlego, mas especialmente a favor da rapidez. As palavras só tem valor quando correspondem a realidades!

CONTA-GOTAS

A invasão do Sistema W M está a verificar-se em Espanha, ganhando terreno de jogo para jogo.

Há já dois clubes a praticar o Sistema, a Real Sociedade de San Sebastian e o Atlético de Bilbao. Ou nos enganamos muito, ou dentro de pouco tempo o difícil será encontrar em Espanha uma equipa que não pratique o chamado «jogo de posição».

Os componentes do team que usa a expressiva designação de «Sport Lisboa e Saudade» tiveram um belo gesto, cooperando na festa à memória de Siska. E o seu acto, belo, humano e desinteressado, parece ter ainda uma consequência particularmente feliz: — o realmento das relações entre as duas grandes colectividades, o Porto e o Benfica.

Após a entrega da salva de prata ao Benfica, pelos componentes do referido grupo, o presidente do Benfica enviou ao sr. dr. Cesário Bonito o seguinte telegrama:

«No momento Sport Lisboa e Saudade informou calientes atenções recebidas Porto com reprodução referências V. Ex. sobre propósito realmento relações clubes a cujas direcções presidimos fazendo entrega objecto arte onde lado a lado figuram insignias F. C. P. e S. L. B. cuja preciosidade material é sobre le-

vada delicadesa lembrança nos indica caminho aproximação fraternal dois clubes acompanho V. Ex. suas intenções sendo referido realmento melhor possibilidade contribuirmos sob amizade apreço mutuos valorização desporto nacional».

Eis um serviço prestado ao desporto pelo Sport Lisboa e Saudade, cujos componentes serão homenageados num almoço de confraternização no próximo domingo, antes do encontro Benfica-Sporting de Braga, o qual se efectua no campo de treinos do clube.

Segundo lemos na imprensa espanhola, o treinador inglês Bagge que ora presta serviço no Atlético de Bilbao, teria afirmado que a tática W M deve ser posta de lado por não resultar benéfica na prática, já que inutiliza o rendimento dos jogadores e especialmente do médio-centro, que acontece ser quase sempre o jogador mais destacado de uma equipa. Teria ainda dito o célebre inglês que o médio-centro deve desenvolver o seu jogo livremente e não depender da acção do centro-avançado contrário.

Os espanhóis aproveitam todas as oportunidades para descarregarem a sua bilis sobre o Sistema, e no fim e ao cabo começam a praticá-lo...

CORRE QUE...

Há dez dias encontramos, à saída de um consultório médico, acompanhado do dr. Ventura, o olhanense João da Palma. — Tente carar-me, disse-nos, e jogar ainda esta época, mas peço-lhe para guardar segredo.

Assim procedemos, mas como a notícia já se tornou publica podemos confirmar que, na verdade, há quase a certeza de ver novamente em acção o hábil interior do clube algarvio.

♦ O dr. Eduardo Lemos é o actual treinador do Famalhão, e quer jogar por este clube, para o que não haverá obstáculos.

♦ A Direcção Geral dos Desportos recomenda à massa associativa do Benfica, por intermédio da sua Direcção, «mais cuidado nas atitudes que tome, para evitar qualquer medida desagradável.» Consequências do Benfica-Belenense.

♦ Em Coimbra defende-se o princípio da Comissão Central de Arbitros ser constituída por três membros: como presidente, um elemento de Lisboa e como vogais, um do Porto e outro de Coimbra. Como melhor forma de fiscalizar e seleccionar os árbitros. Não é mal pensado!

♦ Nos exames para árbitros de futebol levados a cabo na F. N. A. T. apareceram candidatos de valor.

A ORGANIZAÇÃO DA TAÇA DO MUNDO

A Comissão de Organização da Taça do Mundo de Futebol reuniu-se na sede da Federação Francesa de Futebol, sob a presidência de Lotsy (Hollanda) vice-presidente da Federação Internacional de Futebol.

Os membros da comissão chegaram a acordo para se adiar para 1950 a Taça do Mundo (Taça Jules Rimet), que será disputada no Brasil. No entanto, dá-se o prazo de 1 mês às Associações nacionais (Federações), para manifestarem o seu parecer a este respeito. O Congresso da F. I. F. A. que se reunirá em Londres em Julho próximo, deverá ratificar esta proposta.

Havendo uma contraproposta da Confederação Brasileira tendente a suprimir as meias finais e a final da competição, substituindo-as por uma poule de 4 equipas com classificação por pontos, a comissão propôs às comissões executivas da F. I. F. A. que a sugestão brasileira seja incluída na ordem do dia do seu próximo Congresso, e que, entretanto, do facto, se informem as associações nacionais.



BELENENSES, campeão das Reservas da Primeira Divisão — Da esquerda para a direita, no 1.º plano: F. Oliveira, Martinho, Duarte e Teixeira. No 2.º plano: António Rodrigues, Gonçalves, Mouta, José Pedro, Varela Marques, Sérgio e Tormenta



BELENENSES, campeão das 2.ª categorias da Primeira Divisão — Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Matos, Ribeiro Ferreira, Orey, Pinto de Almeida e Marques. No 2.º plano: Leonato Correia, Caetano, Aires Martins, José João, Baltasar e Henrique Silva. À excepção de três jogadores, Ribeiro Ferreira, Orey e José João, todos os outros elementos vieram da categoria de juniores

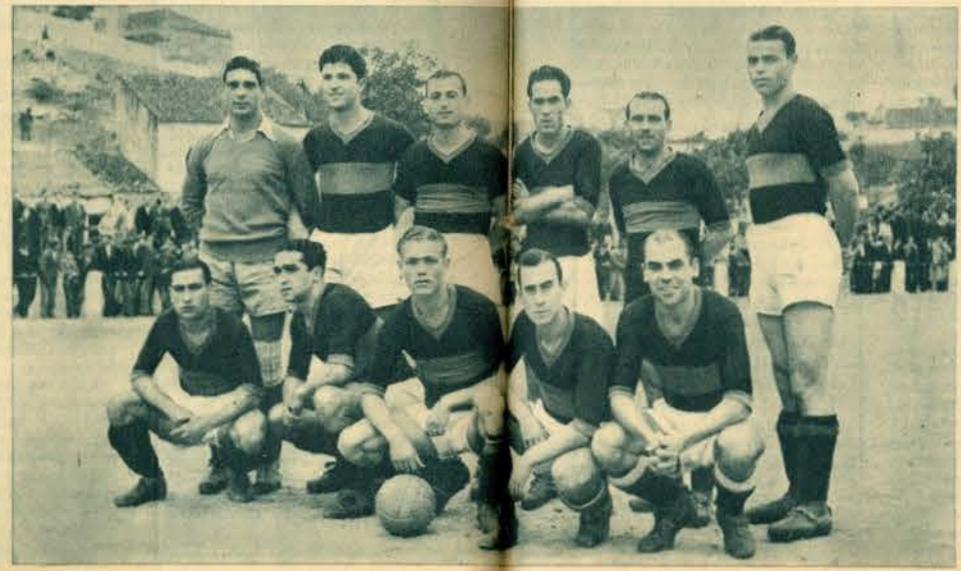
Uma amostra do jogo moderno: cada atacante sofre apertada vigilância!



Verfessimo, um dos médios de ataque leoninos, passa de cabeça a Peyroteo, mas o adversário corta-lhe a passagem. Todos os jogadores parecem muito interessados no que se passa...



SPORTING, campeão máximo de Lisboa, vencedor da categoria de honra da Primeira Divisão — Da esquerda para a direita: Azevedo, Mateus, Verfessimo, Barrosa, Juvenal, Armando Ferreira, Marques, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano



OPERÁRIO, campeão da categoria de honra da Segunda Divisão — Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Gonçalves, Henrique, Antero, Aníbal e Cam. No 2.º plano: Délio, Diamantino, Rogério, Serafim, Amorim e Gillet



Elo! devolve com presteza, não consentindo que o avançado-centro sportinguista chegue a tempo...

OS 6 CAMPEÕES de Lisboa



OPERÁRIO, campeão das Reservas da Segunda Divisão — Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Simões, Alberto, Alexandrino, Parreira e Jesuita. No 2.º plano: Maia (treinador), Cardigos, Custódio, Bernardes, Canino, Cesar, Elias, Parreira e Domingos Carbó (do Conselho Técnico)



ARROIOS, campeão de 2.ª categoria da Segunda Divisão — Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Oliveira, Atilano, Dias. No 2.º plano: Bernardino, Alberto, Cruz, Mendão, Jaime e Dias

Análise da temporada de 1947

IV — A velocidade prolongada

Não foram muito lisonjeiros os resultados da época nesta especialidade; nenhum progresso em relação ao ano anterior, embora se possa apresentar, como atenuante, a ausência ou a quebra de muitos dos que figuravam na vanguarda da nossa escassa falange de especialistas.

Francisco Bastos, lesionado, não pôde correr este ano; desapareceram por motivos vários José Vicente e Umberto Bastos; João Jacinto abandonou a preparação para os 800 metros e correu sem convicção a distância inferior. Ficaram apenas Artur Dias, que paira no máximo das suas possibilidades, e Matos Fernandes, demasiado eclético para atingir o limite dos seus recursos, e um campeão incontestado, Sampaio Peixoto.

Houve, por conseguinte, a necessidade de recorrer aos novos, alguns prematuramente trazidos ao primeiro plano; sobretudo nos 800 metros, onde quatro dos cinco melhores transitaram da categoria de juniores e o quinto não passa de um corredor meritório, mas de resumidas possibilidades.

As marcas portuguesas na velocidade prolongada são demasiado modestas para a verdade do nosso atletismo; existe, a explicá-lo, um motivo de ordem técnica ligada ao critério de preparação dos especialistas; em regra insuficientemente intenso. A própria designação de velocidade prolongada indica o caninhão a seguir; trata-se de manter, durante distâncias prolongadas, a velocidade do corredor. A noção do ritmo varia, por conseguinte, assim como a aplicação da resistência, que não é apenas do esforço máximo prolongado, o que é muito diferente.

A aprendizagem da descontração é, dentro destas normas, o primeiro e mais importante factor; toda a sinergia onerosa durante a corrida é factor anulante no rendimento do esforço. Por outro lado, a auto-noção da cadência é imprescindível para obter resultado interessante.

O corredor de velocidade prolongada deve ter sempre a noção do «tempo» para que está correndo e a sua preparação, orientada neste sentido, inclui como principal elemento o percurso de distâncias parciais em tempo determinado, distâncias progressivamente aumentadas à medida que o limite imposto se torna acessível aos recursos do praticante.

Por exemplo: um corredor que visa os 800 metros em 1 m. 58 s., habitua-se a percorrer 400 metros em 56 s.; quando tiver regularmente este andamento nas pernas passa a fazer 500 metros em 1 m. 10 s., e assim sucessivamente.

Para os 400 metros, o principal objectivo é outro: dentro do emprego do esforço máximo, saber qual a fórmula que melhor se coaduna com os dotes do corre-

dor. Princípio fulgurante e manutenção do esforço (género Sampaio Peixoto) ou desenvolvimento progressivo da velocidade (género João Jacinto).

Passemos a considerar agora os valores individuais da temporada.

Sampaio Peixoto continuou sendo o número um nos 400 metros, com 50,7 s., mas vale muito mais; o seu percurso na estafeta do Portugal-Bélgica, onde bateu um adversário que vale normalmente 49 s., é o testemunho desta afirmação. Deu-nos a impressão de treino insuficiente.

O pequeno Artur Dias conseguiu o seu melhor tempo, 51,3 s., na pista de Madrid, ao principiar a época; por motivos que desco-

nheço não manteve depois o natural ritmo de progresso (má condição física?), embora na prova do *match* com a Bélgica tivesse deixado a impressão da possível surpresa até ao incidente que o obrigou a parar.

Matos Fernandes, campeão de Lisboa, rondou os tempos normais para a sua classe quando a forma não é apurada; eis outro atleta que, especializado, baixaria dos cinquenta segundos.

O corredor que melhores progressos afirmou foi Domingos Canhão: desceu, de 1946 para 1947, 1,2 s. nos 400 metros e ascendeu ao primeiro posto nos 800 metros, com 2 m. 1,3 s.

Possui excelente passada, ritmo

Cantinho do Leitor

Um jogo Lisboa-Província

para treino e selecção do «onze» Nacional?

De um leitor que nos diz interessar-se muito pelo movimento do futebol português, e a sua carta prova-o sobejamente, recebemos uma correspondência que temos o maior gozo em publicar, visto debater um assunto de palpitante interesse.

Sr. Director da «Stadium» — Permita-me que lhe apresente para publicação, se entender caso de isso, uma ideia sobre a preparação e selecção do grupo representativo do país. Tem desde já autorização para rasgar a carta e deixá-la para o cesto dos papéis, se julgar o assunto descabido.

A carência de domingos utilizáveis para a disputa das provas futebolísticas pode tolher as mais louváveis iniciativas, na hipótese de se proporcionar a realização de vários desfilios extra-campeonatos, como torneios inter-selecções regionais (sem omitir a sua utilidade nos trabalhos da selecção nacional) e jogos com equipas de clubes estrangeiros.

A confirmar-se a visita da embaixada futebolística do clube argentino Estudantes de La Plata, os clubes portugueses vão ver-se

em dificuldades para arranjar datas próprias para efectuarem os jogos, mesmo que estes se limitem a um ou dois.

Mesmo só a falta de domingos disponíveis para a disputa das provas oficiais justifica o caso do Campeonato Nacional vir a sofrer interrupção logo após a primeira jornada.

São de considerar as sugestões para que a prova máxima do nosso futebol tenha o seu começo depois do encontro com os franceses, aproveitando-se assim o domingo disponível para um treino em forma do «onze» lusitano.

É a própria França que nos dá o exemplo. Em Outubro, uma selecção de Paris defrontou uma equipa constituída por jogadores do Norte, sob as vistas do seleccionador nacional, que provavelmente colheu indicações úteis e importantes. O exemplo da Espanha é igualmente frisante.

Também em Portugal poderíamos dedicar um domingo a uma prova semelhante, opondo-se um «onze» da capital a uma selecção de jogadores da província!

Podia-se ir mesmo mais longe, fazendo disputar dois jogos em que intervissem dois grupos representativos do futebol lisboeta contra outros dois da província.

Os resultados financeiros não seriam decerto para desprezar. Não há dúvida de que o onze lisboeta seria mais homogéneo, porque, com excepção de um ou outro elemento, é praticamente a equipa nacional; todavia, uma equipa formada pelos melhores futebolistas da província teria um valor bastante aproximado, individualmente.

O Porto cederia a maior parte, com Barrigana, Carvalho, Serafim, Gastão, Araújo, Calado, etc.; e dos

convéniente, decisão no ataque; o tempo lhe dará a resistência ainda deficiente no final das provas.

Os outros novos dos 800 metros foram: Castelo Branco, melhor especialista da distância superior e homem de futuro assegurado se as condições da vida profissional lhe consentirem preparação conveniente; Alves da Silva, explosivo de energia, a quem o futebol inutilizou a temporada e Pena da Silva, sobre quem é prematuro formular juízo definitivo.

Adriano Gomes, com 2 m. 4,5 s., obteve a segunda marca do ano, mas não o consideramos com futuro na especialidade; precisa de corrigir a sua contractura no momento do esforço final; o passo encurta consideravelmente e o corredor dá a impressão visual de diminuir de estatura.

Entre os novos que não subiram até às distâncias clássicas, há dois nomes a reter: o benfiquista Fernando Casimiro e o sportinguista Luis Rocha, ambos capazes de ocupar, para a próxima temporada, posto de realce entre os melhores.

Salazar Correia

outros centros futebolísticos da província: os elvenses, Patalino e Massano, Bentes, Cabrita, e quantos mais...

Para o «team» B de Lisboa, não haveria dificuldades de maior: R. Contreiras, Barrosa, Arsénio, Vieira e Raul Silva. Só por si são uma afirmação.

Nada de fantasias, com chamadas como as de Juvenal, Mário Rui e Alberto.

E não se pense que a presença de tantos nomes, em prélios com vistas aos trabalhos de selecção, seria demais.

O nosso futebol atingiu já tal craveira, que não é com optimismo exagerado que afirmamos que é perfeitamente possível apresentar dois «teams» portugueses em competições internacionais no mesmo dia!

Em Bordéus provámos já as nossas possibilidades, com uma equipa de jovens estreantes a jogar num ambiente estranho, que saíu vencida, mas airoosamente.

E não nos deve a França a tributação deste desafio?

Aproxima-se a tarde em que o «onze» lusitano marcará de novo a sua presença no Estádio do Jamar; mas quantos jogadores, que aspiram a essa honra, com habilidade a rodos, ficam de fora?

Ano V — II Série — N.º 258
Lisboa, 12 de Novembro de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração

RUA DA ROSA, 252-1.º
LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

NOTA DA SEMANA

No domínio dos exercícios físicos a que chamaremos excêntricos, mais pela sua extravagância e inutilidade do que por outra causa particular, incluímos o levantamento de pesos e alteres.

Foi desporto que já rutilou entre portugueses. Os nomes de Manuel da Silveira e Francisco Padinha — para citar apenas os expoentes maiores — ocuparam a imaginação dos pinocas raquíticos de há trinta anos atrás, invejosos daqueles arcabóios e braços estalatórios.

Hoje está esquecido, felizmente. Dizemos assim porque nos custa compreender os benefícios apregoados pela prática de um esforço cujo valor educativo nada tem que ver com a saúde ou a destreza humanas.

A alterofilia é a vitória da vaidade e da pose. Todo o levantador de pesos exige do seu organismo o máximo que ele pode produzir, no duelo com a força da gravidade. Quando isso acontece, a caixa torácica encontra-se comprimida e o coração e os pulmões forçados a um grau exagerado.

Apesar de todos os seus defeitos e da total inutilidade dos seus fins, continua a ter adeptos por muitas partes, nomeadamente nos países onde adquiriu foros tradicionais. A França, Alemanha, Rússia, Egipto e os Estados Unidos (este país recentemente chegou ao grupo) podem gabar-se de possuírem no seu meio fortes maneja-dores do ferro fundido.

Em Espanha pouco se faz. Mas ao norte, em Irun e San Sebastian, veem-se com frequência despiques entre colossos, que manejam blocos de granito como se fossem simples madeiras ou cortiças. A semana finda, por ocasião de um festival em benefício das famílias pobres da região donostiarra, exibiu-se um «muchacho» apocalíptico — Orbeago, eis a sua graça — que ergueu seis vezes, no prazo de dois minutos e cinquenta e cinco segundos, um paralelepípedo de granito com 140 quilos de peso!

A façanha é de respeito, tanto mais que o pedregulho parece mais difícil de manobrar do que um altere.

Registando este episódio queremos dizer aos nossos leitores o seguinte: Eis um homem que errou a sua vocação profissional. O seu lugar não é junto dos outros bípedes, como nós, mas no meio dos guindastes e das gruas, no reboliço das cargas e descargas de porões. Ali, sim, muito útil se nos afigura o seu mérito.

R. B.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL em Inglaterra

O resultado mais sensacional da semana, e estamos quase a assegurar que de há muitos anos a esta data, consistiu na rotunda vitória do Manchester United sobre o Wolverhampton Wanderers, por 6 bolas a 2.

O grupo é dos mais fortes da 1.ª Divisão da Liga mas a sua «forma» inconstante tem-lhe acarretado dissabores inesperados. Agora entrou no terreno com uma apreciação desvantagem: a de não ter ganho, ainda, nenhum encontro fora de casa, esta época.

Eram passados seis minutos marcavam os Wolves o seu primeiro ponto. Tudo parecia indicar que a derrota de Manchester se consumaria uma vez mais. Todavia, actuando como nas grandes tardes, o team organizou-se e em 23 minutos enfiou quatro golos nas redes do adversário. Ao intervalo o resultado era de 4-1 e durante a 2.ª parte, apesar dos Wolves se defenderem como leões, encaixaram mais dois tentos irresistíveis.

Não há memória das redes dos Wolves terem sido tocadas seis vezes consecutivas, no seu próprio terreno.

Outros clubes, em particular Aston Villa, Blackburn e Derby County, emergiram vitoriosos. O mais significativo resultado (4-1) foi a vitória do primeiro citado sobre Preston North End, que vai no segundo posto da classificação. O artífice da obra foi Brown, que vimos em Lisboa no grupo do Charlton e mudou de camisola depois.

O Arsenal continua invicto e na testa do agrupamento, mas a sua linha dianteira perdeu as virtudes chutadoras. Oposto ao Chelsea, safou-se com um empate sem tentos, mas teve a sorte a bafejá-lo. Uma hora antes do match havia 67.277 pessoas no recinto e os portões fecharam imediatamente. Como por cá, houve mercado negro de bilhetes, chegando a vender-se por duas libras e um quarto tickets de cinco xelins.

O Charlton continua devendo tudo ao trio defensivo. Venceu o Huddersfield por 1-0 mas o tento foi marcado pelo back, Hayes, nas suas próprias redes desertas.

Blackpool, com Mortensen e Matthews na linha de ataque, bateu o Liverpool (2-0); Burnley, invencível no terreno do adversário (é curioso o fact), manteve a traição contra o Grimsby (2-1).

O Bolton Wanderers, mais apegado ao derradeiro posto do que nunca, sucumbiu com o Blackburn (4-0). Quem viu o glorioso Bolton!

Na 2.ª Divisão, o West Bromwich Albion continua na dianteira. Ganhou ao Bury por 2-1. Em seguida vai o Newcastle United, que se aproxima daquele a passos agigantados; nos três últimos desafios marcou 13 tentos.

Birmingham, o terceiro classificado, sofreu um revez inesperado e prejudicial, perdendo com Southampton por 2-0. E' grave, pois tem no encalço Cardiff, West Ham e Sheffield Wednesday.

As «Ligas» em Espanha Valência à cabeça

A 7.ª jornada do Campeonato da Liga, em Espanha, forneceu os seguintes resultados na Primeira Divisão:

Valencia...	3	-	A. Bilbao...	0
Espanhol...	3	-	Oviedo....	1
A. Madrid...	3	-	Alcoyano...	2
Sevilha...	3	-	Tarragona...	1
Gijon....	2	-	R. Madrid...	0
R. Sociedad	0	-	Barcelona...	0
Sabadell...	2	-	Celta.....	0

Como surpresas temos a derrota do Celta, team que já denominavam de invencível; a derrota do Real Madrid em Gijon; e o empate do Barcelona em S. Sebastian.

Como consequência, o Valência ficou isolado à cabeça com 12 pontos, ocupando o Sevilha a 2.ª classificação, com 11 pontos, e descendo o Celta para o 3.º lugar na companhia do Barcelona, ambos

10 pontos. Em 5.º, com 9 pontos, está o Atlético de Madrid. Estes encabeçam o esquadrão, não havendo alterações sensíveis no resto. Acentua-se a descida do Bilbao.

Na 2.ª Divisão spurraram-se os seguintes resultados:

Mestalla...	1	-	Murcia....	1
Badalona...	4	-	Castellon...	1
Malaga...	4	-	Corunha...	1
Hercules...	6	-	Valladolid...	2
Cordova...	2	-	Maiorca....	0
Baracaldo...	3	-	Granada...	2
Ferrol....	5	-	Levante...	0

Ambos os leaders, Corunha e Valladolid perderam, passando para a cabeça o Hercules, com 10 pontos. Aqueles dois junta-se o Malaga, os 3 com 9 pontos. O campeonato está muito intrincado, dada a igualdade de valores que se verifica.

BOXE

Cerdan em declínio!

O grande Cerdan sofreu a sua primeira derrota moral nos Estados Unidos. Oposto a Anton Raadick, estoniano, obteve um triunfo por pontos, que o público rejeitou, e esteve prestes a sucumbir por *knockout* no último minuto do derradeiro assalto.

Esgotou toda a sua energia procurando abater Raadick nos primeiros rounds. Como a sua «forma» era pouco brilhante e a saúde ainda menos (fala-se, abertamente, numa intoxicação alimentar, horas antes da batalha) é prematuro extrair conclusões precipitadas sobre a decadência do jogador marroquino.

Raadick aguentou tudo. Dominado desde o primeiro minuto, pôde igualar-se no sétimo round e no décimo estava cheio de energia, ao contrário de Cerdan. Este, de pé por milagre de vontade, foi colhido na ponta do queixo e caiu na lona por 3,5 e 7 segundos.

Depois da 3.ª queda o seu estado era simplesmente de «adormecido»! Mas alguns segundos e Cerdan ficaria irremediavelmente batido por fora de combate.

Lesnevich em grande forma

O campeão mundial dos semi-pesados, Gus Lesnevich, ganhou brilhantemente por fora de combate técnico a Tomi Mauriello, depois de lhe ter propinado uma sova em «erescendo» com brio.

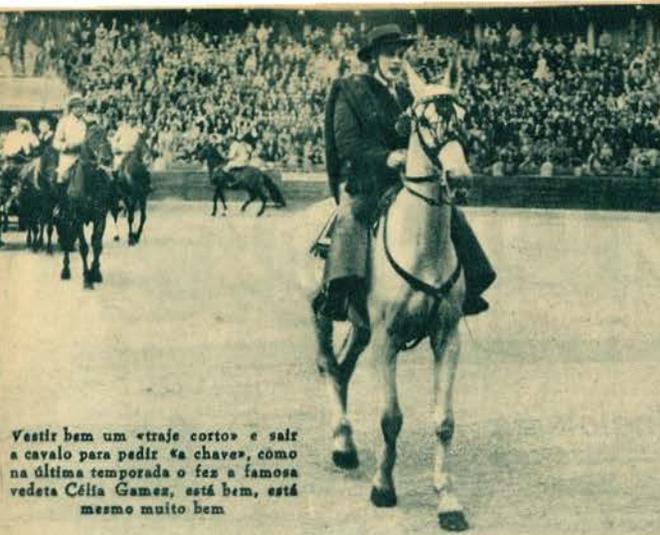
Mauriello, embora mais jovem e mais pesado, revelou-se decadente, lento e falho de ciência. Quando o árbitro interveio, para o safar de piores resultados, tinha as feições ensanguentadas e lastimosas.

Foi uma soberba vitória de Lesnevich, que o põe entre os melhores «pesados» actuais — aliás de mui pouca cotação.

HIPISMO

«Migoli», de Aga Khan, triunfa em Newmarket

Realizou-se em Newmarket uma das mais importantes provas clássicas de outono e que se domina «Cessarewitch». A distância, de uma milha e um quarto (cerca de dois quilómetros), foi vencida pelo cavalo *Migoli*, pertencente à coudelaria de Aga Khan, que dominou *Nirgal* por dois comprimentos.



Vestir bem um «traje corto» e sair a cavalo para pedir «a chave», como na última temporada o fez a famosa vedeta Célia Gamez, está bem, está mesmo muito bem

A LUTA COM OS TOUROS É SÓ PARA HOMENS

MULHERES! Mulheres! Mulheres! Como no septimino da "Viuva Alegre" os "aficionados" bradam contra a quantidade de mulheres que estão invadindo o toureiro, sobretudo desde Conchita Cintron, que é realmente um caso sério. Mas, a verdade é que o toureiro não é para mulheres! Festa macha e de emoção, custa-nos, aos homens, vê-la assim invadida por mulheres, e vê-las em perigo. Que sem risco não se pode conceber a luta com touros, a não ser com o risco de a ver adulterada, reduzida ao bezerro, ou quase.

Em todos os tempos se registaram casos isolados de mulheres toureiras, como aquela "La Reverte", que afinal, parece que era um homem e trocou o sexo para obter êxito mais fácil. Que o caso é que o êxito duma mulher é sempre mais fácil, pela condescendência que devemos ao sexo frágil, até quando este pretende ser forte. Sentimos manifestar este protesto que nos comunicam vários "aficionados", com os quais aliás concordamos!

E sentimos porque não desejamos ferir os interesses de tão apreciáveis cavaleiras tauromáquicas como as portuguesas Maria da Graça, tão valente, e Nazaré Felício, que teve recentes êxitos e até as espanholas ainda que sejam tão vulgares como Beatriz Santullano ou tão más como Marimé Clamar. Mas, à insistência na invasão tem de se pôr um dique, sob pena de vermos as arenas transformadas em salões de exhibições femininas.

As senhoras que se queiram exibir a cavalo em praças de touros podem fazê-lo, e está até muito bem que o façam, pedindo "a chave" em festivais de beneficência. E até nas corridas de touros pois sempre seria mais agradável ver uma mulher bonita no "paseo" que esses "alguaciles" de bigodes e cara de poucos amigos. Mas, terminado o "desfile", as senhoras desfilam para as barreiras, e começa a luta do homem com o touro. Vestir bem um "traje corto" e sair a cavalo para pedir "a chave" num festival de beneficência, como na última temporada o fez a famosa vedeta Célia Gamez, está bem, está mesmo bem. Participar dos perigos da luta com o touro, correr os riscos próprios dos homens, está mal, mesmo muito mal.

★

Num dos últimos números da Revista "Reader's Digest" lê-se que a fábrica de borrachas "Dunlop" produz artigos para todos os desportos e lamenta não o poder fazer para a tauromaquia. Gostosamente lhe brindamos a ideia de fabricar hastes de borracha para substituir as dos touros que são mais duras, mais contundentes. Se conseguirmos resolver o problema da substituição e adaptação, desde já retiramos tudo que escrevemos acerca dos perigos que os touros oferecem para as senhoras. Enquanto as hastes não forem de borracha, mas sim perfurantes, duras, os touros, como certos livros e espetáculos, devem ser só para homens. E as senhoras que pedem o nosso cuidado, que é atenção e deferência. — R. P.

Vários acontecimentos da semana



O encontro Norte-Sul de hóquei em patins, que Lisboa venceu 4-2. Em cima, do lado esquerdo, vê-se a seleção do Norte, e à direita a do Sul. Em baixo, publicamos uma animada fase do referido encontro



Os concorrentes à prova ciclista Lisboa-Cartaxo-Lisboa, que Maximiano Rola e Lisgás venceram



Os veteranos de hóquei em campo recordaram os seus tempos, e reuniram-se num almoço de confraternização



Um aspecto da sessão solene comemorativa do 29.º aniversário do Lisboa Ginásio Clube, no momento em que o sr. major Jorge Oom, presidente da Direcção do Ginásio Clube Português, pronuncia o seu discurso de saudação



A Académica e o Salamanca no desfile. Os jogadores portugueses e espanhóis marcham intercalados, cavalheirescamente



A bandeira da Associação de Futebol de Coimbra é conduzida pelo antigo árbitro António Velinho, ladeado por António Bentes e Fernando Alves



Num lance de defesa, os estudantes empregam-se a fundo. Eduardo Santos e os seus companheiros estão atentos



Os defesas salamantinos são fortes e vigorosos, e batem-se com galhardia!



Fotos MARQUES DE CARVALHO

Um remate que passa fora do alcance do guarda-redes da Académica, mas que sai fora...



Um dos defesas da Académica parece afirmar no seu gesto: — Passou o perigo!

Salamanca PERDEU em COIMBRA

PRATICAMENTE, o problema maior do Campeonato de Lisboa que, no domingo passado, atingiu a importante verba de 1.500 contos, estava resolvido, e, de certo modo, os problemas mais pequenos, além da sua reduzida importância, já estavam igualmente solucionados. Decidimo-nos, portanto, pela viagem a Coimbra, porque um desafio entre portugueses e espanhóis, mesmo não sendo de grande relevo, é sempre um motivo de atracção para quem segue cuidadosamente o futebol da vizinha nação.

O encontro Académica-Salamanca era a grande atracção com que se festejavam os 25 anos da Associação de Futebol de Coimbra — a que se associaram todos os filiados com exclusão do União de Coimbra, por sinal, clube de tradições! — estando incluído no programa um Torneio Relampago que deu o 1.º lugar aos briosos componentes dos Marialvas de Cantanhede, e uma parada dos clubes filiados e de outras forças desportivas da Cidade, um pouco desajeitada...

Os salamantinos alinharam: Manolê, Jauregui, Osuña, Paquito, Garcia, Focas, Orgotti, Zelona, Muñoz, Hito e Yasi, e a sua entrada em campo indicou estarmos em presença de uma equipa de gente forte, bem constituída e boa para o choque. «Team» excelente, no ponto de vista físico, para os rectângulos de pequenas dimensões que a todo o momento provocam o choque.

A Académica apresentou dois «teams»: um na primeira parte, com Prates, Messias, Aristides, Eduardo Santos, Branco, Braz, Melo, Azeredo, Garção, Pacheco Nobre, e Bentes; outro, refundido, no segundo tempo, com a entrada de Tito, Mesquita, Anibal, Atax e Nana, e várias alterações de lugares. Se nenhum dos dois agradou por completo, a segunda formação deixou no entanto a melhor impressão do que a primeira.

O estado do terreno estava horrível, muito arenoso e de areia solta. Compreende-se o descuido, visto o campo não servir oficialmente... Nitidamente em tantíssimos lances os jogadores viram-se aflitos para dominar a bola especialmente os de Coimbra, visto os espanhóis jogarem mais em força. Talvez por isso, o jogo português desenvolveu-se quase sempre pelo ar, o que, apesar de tudo, nos parece injustificável, pois sempre que a bola rolou rasando o terreno as dificuldades dos espanhóis foram por demais evidentes.

E foram-no, porque os salamantinos estão muito atrasados em matéria de futebol, jogando cada elemento com a sua própria habilidade e não lhe importando o que faz o adversário.

Quere dizer, os salamantinos não sabem tomar posição no terreno, tornando-se por isso muito fácil construir os triângulos e colocá-los no meio sem que eles consigam cortar qualquer dos segmentos. De resto, descontando a diferença de classe, o Salamanca joga como a maior parte dos clubes espanhóis. Por enquanto...

O jogo do Salamanca assentou no trabalho do médio-centro, que apanhou a bola infinitas vezes e dirigiu a orquestra não havendo ninguém que conseguisse tirar-lhe a batuta.

No primeiro tempo manifestou-se domínio territorial da Académica — mas foram os visitantes que chegaram ao intervalo a vencer. Isto, na sua simplicidade, afirma de maneira inequívoca melhor remate dos espanhóis do que dos portugueses. Nós desperdiçamos lamentavelmente várias oportunidades que, em pés espanhóis, seriam certezas...

E' que os estudantes, esquecidos do seu fenómeno, insistiram no jogo pela direita (provocado por P. Nobre), e esta não fez nada que se aproveitasse. E também o centro-avancado nada fez...

Já no segundo período, tendo os espanhóis dominado territorialmente — e talvez por essa circunstância! — os estudantes construíram alguns ataques abertos e precisos, com o estimulante da rapidez. O golo de Bentes foi o momento empolgante da vitória. Destacamos ainda o trabalho de Eduardo Santos e Anibal.

Até menos, os 25 anos da A. F. de Coimbra deram-nos uma vitória. Sabe sempre bem ganhar aos espanhóis. — T. S.

Comentários

A doutrina olímpica

Problema de actualidade, problema sempre discutido, o olimpismo moderno tem mais raízes na opinião pública, como expressão máxima do confronto entre os melhores desportistas seleccionados no Mando, do que como a manifestação periódica de uma doutrina desportiva.

Sob este aspecto, com seus rigorosos fundamentos de amadorismo, foi mesmo desmentida pelo seu fundador, depois dos jogos de Berlim; Couberlin, ao tempo já afastado do Comité Internacional, declarou a um jornalista que o entrevistava que, em seu pensamento, nunca os profissionais estiveram escoracados dos concursos olímpicos.

Fez há semanas dez anos que morreu em Lausana o barão Pedro de Couberlin e, a meia dúzia de meses da reparação dos jogos que ele restabeleceu, o conhecido crítico francês Maurice Pfefferkorn, perguntou de novo numa crónica em «L'Equipe» se o olimpismo será em realidade aquilo que ele idealizou ou teria sido altraído o seu pensamento. E acrescenta: «O sr. de Couberlin queria despertar uma fé, criar um ideal. Solicitava, com este propósito, a colaboração da mocidade do Mundo. Poderemos supor que a teoria do amadorismo olímpico basta para gerar um ideal? Não se apercebe, contudo, nenhuma outra nas prédicas dos pontífices olímpicos. Estes, afinal, não sabem falar à juventude do Mundo. Por isso este pouco se importa com os seus sermões vazios e seus falsos sermões. A definição do amadorismo estabelecida pelos Olímpicos, poder-se-ia opor esta outra, que nos parece mais honesta ante a realidade dos factos: o amadorismo é o vestibulo do profissionalismo...»

No seu aspecto irónico é cheia de boa filosofia esta fórmula sintética; porque a cada edição dos Jogos se verifica que o aperfeiçoamento olímpico conduz uns tantos dos astros coroados a passar ao profissionalismo ou, talvez melhor, a confessar o seu profissionalismo.

A idade no desporto

O desportista português considerava-se, em regra, prematuramente enneshecho para a prática dos seus exercícios favoritos. Por falta de persistência na pre-

paração, por erros no regime de higiene da existência, o facto é que raros são aqueles que não além da dezena dos vinte mantendo-se em competição regular.

Esta reflexão surgiu-nos ao pensamento pela leitura recente de um comentário à situação do desporto finlandês, severamente experimentado pelas asperezas da guerra e das suas consequências. As nossas gerações perderam o entusiasmo e recusam-se ao sacrifício dos rigores do treino; as contingências do período de quatro anos de luta determinaram um vácuo entre os campeões da pré-guerra e os novos que iniciam a subida da glória esportiva e assédua.

Os atletas sobre os quais a Finlândia poderá contar para defesa das suas briosas tradições, estariam em Portugal de há muito tempo reformados: Viljo Heino, estrela do meio fundo, tem 33 anos e o seu homónimo Sulo, 39; o corredor de 800 metros Bjorkhof tem 36 anos, que é também a idade do novo recordista mundial dos trinta quilómetros, Heitanen; Järvinen e Nikkanen, dois lançadores de dardo que figuram ainda na lista dos melhores europeus, contam respectivamente 37 e 33 anos; Paisto Moki, com 37 anos, correu esta temporada os 10.000 metros em 30 m. 34 s.; Storkrubb, tido como um dos favoritos olímpicos dos 400 metros-barreiras fez 30 anos e o lançador de peso Barlund, 35.

A par destes veteranos, o atletismo finlandês conta com alguns jovens de categoria, mas o mais

espantoso para um país que conta quase tantos habitantes como Portugal é a enorme expansão da prática desportiva. Para exemplo: na lista dos resultados da época finda, o 50.º resultado nos 800 metros é de 2 m. 0,5 s.; nos 1.500 metros é de 4 m. 7,8 s.; no salto em altura de 1,78 m. no lançamento do peso de 13,31 e no lançamento do dardo, de 58,71!

As melhores marcas portuguesas

Corrida de 3.000 metros:—8 m. 52,5 s., Pires de Almeida (Bl.), em 4-8-42; 9 m. 0,6 s. M. Dias (Sp.), em 26-7-30; 9 m. 1,4 s. João Silva (Bl.), e 9 m. 1,55 s. Afonso Marques (Sp.), ambos em 5-8-45; 9 m. 11,8 s. Américo Pinto (Cif.), em 3-7-45; 9 m. 13,8 s. J. Branco (Bl.), em 4-5-47; 9 m. 14 s. Filipe Luis (All), em 28-6-42; 9 m. 14,1 s. J. A. Araújo (Bl.), e 9 m. 14,2 s., E. Alves da Silva (Sp.), ambos em 4-5-47; 9 m. 14,8 s., M. Nogueira (Sp.), em 14-7-41.

Corrida de 5.000 metros:—15 m. 25 s., Af. Marques (Sp.), em 27-7-46; 15 m. 25,8 s., M. Dias (Sp.), em 26-7-30; 15 m. 35,6 s., João Silva (Bl.) em 20-6-45; 14 m. 37 s., Marques

Grça (V. J.) em 12-7-25; 15 m. 38,1 s., Filipe Luis (Sp.), em 6-9-47; 15 m. 40 s. António Almeida (V. J.), em 16-7-27; 15 m. 40,8 s., Adilino Tavares (Sp.), em 25-5-35; 13 m. 48,9 s., M. Nogueira (Bl.), e 15 m. 53,6 s., Aníbal Barão (Bl.) e 15 m. 57,6 s., Fernando Sousa (Cuf.), todos em 10-8-40; 15 m. 59,4 s., José Eduardo Leite (Ac.), em 25-8-27 e António Figueiredo (Sp.), em 5-8-33; 15 m. 59,9 s., J. Oliveira e Silva (Bl.), em 13-7-46.

Corrida de 10.000 metros:—32 m. 15,8 s., João Silva (Bl.), em 8-7-45; 32 m. 23,4 s., Afonso Marques (Sp.), em 28-7-46; 32 m. 23,8 s., António de Almeida (V. J.), em 2-7-27; 32 m. 52,4 s., Albino Silva (F. C. P.), em 30-7-38; 33 m. 14,4 s., Manuel Nogueira e Aníbal Barão (Bl.), em 11-8-40; 33 m. 15,2 s., Filipe Luis (Sp.), em 7-9-47; 33 m. 25,4 s., M. Dias (Bl.) em 11-5-40; 33 m. 28,4 s., Adelino Tavares (Sp.), em 27-7-35; 33 m. 29,4 s., João Miguel (Bl.) em 2-6-28.

Barreiras, 110 metros:—15,7 s. Martins Vieira (Bl.) em 16-7-39 e F. Ferreira (Bl.) em 29-7-45; 15,9 s., A. J. Pereira (Bl.) em 16-7-39 e Glória Alves (Bl.) em 24-8-41; 16 s., Palhares Costa (Sp.), em 22-7-34; 16,1 s., Luís Alcide (Bl.) em 27-7-47; 16,2 s., J. Guimarães Marques (Sp.) e 16,3 s., P. Vasconcelos (Bl.), ambos em 21-7-40; 16,4 s., Paulo Palhares (Ac.) em 12-7-31. Castro Cabrira (Cif.) em 30-7-35, etc.

Barreiras, 400 metros:—55,1 s., Matos Fernandes (Bl.) em 7-7-46; 58,2 s., A. Silveira (Cif.) em 21-7-29; 59 s., Martins Vieira (Bl.) em 26-8-44; 59,1 s., Aurlur Dias (Sp.) em 28-7-46; 59,2 s., J. Coulo (Ac.) em 26-8-44; 59,4 s., G. Fragata (Bl.) em 30-7-39; 59,5 s., Alberto Afonso (Bl.) em 31-7-38; 59,6 s., Palhares Costa (Sp.) em 21-7-29; 59,8 s., E. Costa Pereira (Bl.) em 28-7-48; 1 m. 0,3 s., A. Calado (Sp.) em 10-8-40.

HIPISMO

Notas a lápis

adquirir pelo Estado. Há grande expectativa pela sua apresentação em Lisboa.

VOUGA, foi este ano o cavalo mais premiado, derrotando o «Raso», que parecia querer eternizar-se naquele posto de honra. Depois de ganhar em Lisboa a «Regularidade», montado pelo capitão Barrento, ganhou, conzaido pelo tenente Calado, o «Grande Prémio» e a «Taça de Honra» do Concurso de Bargas; o «Omniam» e a «Caga» nas Caldes; e ainda a prova «Ministro da Argentina» do certame de Cascais. Sels primeiros prémios e ainda treze outras classificações, marcam a magnífica posição do habilidoso irlandês.

Segundo se afirma é natural que do lote de 400 cavalos argentinos adquiridos para a Ilheira, possam sair montadas de desporto. Dele faz parte uma

irmã do famoso cavalo «Raso», o mais brilhante do lote adquirido em 1938.

A constituição da nossa equipa olímpica para os próximos Jogos de Londres deve estar a preocupar grandemente as pessoas encarregadas da sua formação, e até agora nada se sabe, apesar de se supor certa a inclusão de determinados cavalheiros e de indiscutíveis cavalos. Salvo que saíam surpresas!

Os sete «Grandes Prémios» deste ano foram conquistados por seis cavalos: «Optas» ganhou o de Lisboa; «Vouga» o de Bargas; «Sagelas» o do Porto; «Tete» o de Mafro; «Ebro» o de Cascais; e «Zurri» os de Sintra e Caldes da Rainha. Três vitórias para Henrique Calado e uma para Helder Martins, José Carvalhos, José Beltrão e marquês do Fanchal.

LOURENÇO VOLTOU...

Há poucos números, lembramos o nome de Lourenço, extremo-direito de Portugal B contra a França B, em Bordéus. Falava-se na sua ida para um clube do Minho...

Afirmámos então que não se compreendia o seu afastamento, pois tinha lugar no 1.º grupo do F. C. do Porto — a extremo-direito ou a avançado-centro.

Parece que nos ouviram. Lourenço já principiou a sua preparação, no campo do seu clube, e breve o veremos na equipa de honra. Esperamos agora que Lourenço não nos deixe ficar mal...

E CORREIA DIAS TAMBÉM...

Também o avançado-centro do F. C. P. estará brevemente no grupo de honra. Se o leitor se lembra, apontamos-lhe há semanas a seguinte linha avançada: Lourenço, Araújo, Correia Dias, Vergílio e Ferreira.

Pois não esperará muito. Correia Dias, que se consorciou recentemente, após uma viagem de núpcias pelo país promete interessar-se pelo futebol. E promete treinar normalmente, coisa que nunca fez nas épocas passadas...

Seja como for, o campeonato nacional está à porta. Principiará no domingo, se não houver alterações. Portanto — quanto mais depressa melhor...

ELADIO VASCHETO

FICA NO PORTO

O treinador Eladio Vacheto, que se tem afirmado como excelente técnico do futebol, ficará no Porto, a despeito de uma notícia que o dava em véspera de viagem para a Argentina.

Tem o F. C. P. feito tudo quanto lhe é possível para conservar Vacheto, e julgamos que deve ganhar a luta, a despeito das dificuldades. Por agora, podemos garantir que as coisas estão em bom caminho. O simpático e competente treinador argentino ficará no Porto.

O CICLISMO ESTÁ EM CRISE?

Anunciam-se provas, anulam-se anúncios — e o ciclismo português, para não dizer nacional, continua sem a vida costumada. Realizou-se a «Volta a Portugal» e pouco mais. Uma ou outra prova, sem valor. Os ciclistas portugueses, alguns de muita categoria, destreinam-se e perdem o gosto pela modalidade...

Crise? Talvez sim — mas crise nos dirigentes. Se promovêssemos corridas, agitando o meio, não seria difícil criar ambiente próprio. Mas os clubes com secções formadas também são culpados. O desentendimento não surpreende.

na capital do NORTE

O Porto agradecido

Nós não podemos concordar, evidentemente, com os gestos de aborrecimento iguais aos que separavam o F. C. do Porto e o S. L. e Benfica. Claro que também não negamos os motivos provocadores, por terem sido lortos...

Porém, o tempo, grande mestre, acaba sempre por contrair a sua dívida, e se hoje quisermos resolver o problema, durante anos sem solução, talvez não apresentem dificuldades. Já passaram anos sobre o incidente. O Benfica continua a ser o grande clube da capital, jáçá do país; e o F. C. P. esforça-se sempre pela sua terra, pelo Norte, e de tal modo que o veneram e estimam milhares de pessoas.

Nem um, nem outro, embora separados por decisão anómala, deixaram de prestigiar as suas cores e a sua Pátria. Ambos, grandes, prestigiosos, continuam senhores da sua categoria, um no Norte, outro no Sul.

Mas agora, volvidas épocas, apagadas as cenas nervosas, virado já do avesso o campo das Amoreiras, não faltam vozes que defendam a paz entre os dois importantes organismos. O grande Siska, nome respeitadíssimo pelo F. C. do Porto, parece ter lançado, no seu sopro de morte, o grito de amizade daradoinra.

Também contribuiu para isso o Sport Lisboa e Soudade, o grupo que vive no íntimo, no dia-a-dia do Sport Lisboa e Benfica. Quase todos jogaram contra Miguel Siska, no Porto e em Lisboa. E todos, uma só voz quiseram ir ao Porto prestar a sua homenagem ao guarda-redes que há uns anos assombrou o país com a sua classe excepcional.

Isto não pode esquecer a

gente do Porto. O Porto não gosta que o prejudiquem, que o tratem mal. A sensibilidade portuense chama bairrismo exagerado — mas talvez não seja bem assim. Os desportistas da capital do Norte, são bons, e são agradecidos. Ninguém poderá negar o facto. Não deixam de responder. Se os acarinham — excedem-se em provas de amizade em gentilezas.

Ora, o Sport Lisboa e Soudade, para o caso Sport Lisboa e Benfica, servia um «portuense» (no grande Siska poderia chamar-se assim) e servia o seu principal clube. O Porto não esqueça a gentil lembrança. Estava isso na sua tradição, no seu íntimo. Recebeu o S. L. e Soudade com as mesmas palmas com que recebeu a «Velha Guarda» do seu F. C. do Porto. Havia mesmo lágrimas nos olhos de muita gente!

Por isso se pode agitar a ideia do F. C. P. e do S. L. B. acabarem com uma situação equívoca. Siska, o falecido jogador que aos 18 anos veio para Portugal, portanto há 25, fez mais este milagre: o de vermos o Porto agradecido ao popular clube lisboeta, porque o tratavam bem, tão bem que todos as horas amargas foram esquecidas.

Não há dúvida: o Porto apreciou muito este gesto do Benfica. E se dissemos que ele não pode ser mais bem agradecido por faltar entre os dois grandes clubes o traço de ligação que há anos se portia — ficará tudo no seu verdadeiro lugar.

Têm agora a palavra os srs. brigadeiro João Tamagnini Barbosa, presidente do popularíssimo clube da capital, e o dr. Cesário Bonito, o médico desportista que já passou pelo 1.º grupo do F. C. do Porto.

Opinião confirmada?

Dissemos recentemente que o F. C. do Porto não estava tão forte como se dizia. E lembramos que seria bom reírreír entusiasmos prejudiciais, um pouco criados depois da vitória do clube em Valência...

A imprensa, alguma, embandeirou em arco. Mas os factos vão-nos dando razão. Ainda no último domingo, jogando contra o Salgueiros, se prova que os campeões possuem grupo ainda pouco capaz.

Curiosidades...

O F. C. P. jogará contra o Elvas, primeiro adversário do campeonato nacional, no seu campo da Constituição. As obras seguem no melhor ritmo, podendo considerar-se adiantadas.

♦ O Campo da Constituição, embora o facto surprenda, fica com as mesmas dimensões do Campo do Lima. Quanto ao terreno de jogo, evidentemente.

♦ Jogará o F. C. Porto em Lisboa, na próxima quinta-feira. A decisão dos campeões nortenhos deve ter agradado, na capital. Os portugueses deslocam-se só pelas despesas, animando-os apenas o desejo de colaborar com a Federação.

♦ O Bilbao fez uma proposta ao F. C. Porto: — 100 contos e despesas pagas para jogar contra o seu grupo, em Espanha. Os portugueses recusaram.

♦ Como já informamos, vão reunir-se em assembleia geral os sócios do clube campeão. Tratar-se-á do aumento das quotas.

Alvaro Sequeira

Encontra-se de luto, pelo falecimento de sua dedicada esposa, o nosso prezado colaborador e amigo, Alvaro Sequeira.

Sentidas condolências.

O BENFICA alinhou completo e venceu



Rogério defende com segurança. Francisco Ferreira e os seus companheiros seguem com atenção o lance...



Moreira, Cerqueira, Fernandes e Jacinto protegem Rogério, que jogou magnificamente!



Jacinto corta uma passagem, e prepara-se para desencadear a ofensiva



Fotos MANIQUE

França e Fernandes lutam!

NO PORTO

Fotos HERMANN



PORTO-SALGUEIROS — O guarda-redes do Salgueiros defende por alto



PORTO-SALGUEIROS — Ferreira, do Porto, ao marcar a segunda bola num remate forte e certeiro

ARCÁDIA

O DANCING
N.º 1
DA CAPITAL

Grande êxito da estrela de Baile

CARMELITA DEL RIO

Grande êxito do programa de atrações com o famoso cantor da actualidade

JORGE CARDOSO

com

CHOVA y sus MUCHACHOS

HERMANAS APARÍCIO

BALLET CASANOVES, NITA ANEL
ITAMAR, MARY MELI, ATLANTIDA,
MABEL VALENCIA e o

**ORQUESTRA
ARCÁDIA**

Stadium